



Os registros que fazem sumir...

Elisa Ferreira Silva de Alcantara

*Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Resumo

Luiz Antônio Batista (2001), escreveu um texto intitulado “A fábula do garoto que quanto mais falava, sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder”. O autor apresenta a fala que faz sumir: a queixa da professora, o encaminhamento da coordenadora a uma psicóloga, o diagnóstico psicológico. A mãe do menino foi chamada à escola e demonstrou sentir culpa pelo filho não corresponder à expectativa escolar. O menino passou a ser alvo dos cuidados da cidade e recebeu um diagnóstico e uma história que o aprisionou na previsibilidade. As falas dos especialistas, as *anamneses*, os diagnósticos faziam o menino falar e falavam do menino e quanto mais se falava dele mais rápido ele sumia. Assim como nesta fábula, muitas “falas” usadas pela escola podem fazer “sumir” como os relatórios descritivos, os boletins com suas notas, as fichas de acompanhamento, os laudos psicopedagógicos e psicológicos, as atas de conselho de classe e outros registros. Eles podem fazer falar e sumir ao encarcerar na irreversibilidade do chamado fracasso escolar. A escola fala e faz falar através dos diversos instrumentos de registro do desempenho dos alunos, mas, surgem as indagações: A escola consegue refletir sobre todos os fatores que produzem o fracasso escolar? Será que o volume de demandas e as suas urgências não acabam por produzir um ativismo sobreimplicado que busca respostas rápidas para cada caso sem uma reflexão mais detalhada? Será que o sistema avaliativo com seus diversos registros não tem feito muitos sumirem como o menino da fábula?

Palavras-chave: Registros, instrumentos de avaliação, fracasso escolar